

LOCAL

No acolhimento a sem-abrigo o consumo não gera preconceito

Com a prolongada estada nos centros de acolhimento, como se tratam pessoas com dependências e se pede que mantenham o confinamento? Com entrega de metadona e consumo vigiado

Dependências Cristiana Faria Moreira

Naraye chega de sorriso rasgado e troca umas impressões com um técnico sobre o casaco novo que traz vestido. “Nice, nice.” Naraye é um nepalês de 29 anos que sucumbiu às drogas. Ele assume-o sem receios nem meias-palavras. “Consumia muitas drogas e... a minha vida acabou. Ninguém quer saber de mim.”

Naraye está em Portugal há cerca de um ano. Já antes tinha estado em Lisboa, mas esteve fora dois anos e regressou no ano passado. Trabalhou num restaurante “durante cinco ou seis meses” e, com a pandemia, ficou desempregado. A família está longe – tanto física como emocionalmente –, no Nepal. E ele caiu na rua, sozinho, acabando por entrar no centro de acolhimento temporário montado pela Câmara de Lisboa no Pavilhão do Casal Vistoso, no Areeiro.

“Estou aqui há um mês. É a minha casa. Deram-me um sítio para dormir, dão-me comida, apoiam-me. Sinto-me muito bem aqui”, diz o jovem. Aqui, também parou de consumir. “Estou a tomar metadona e estou bem agora.” Naraye é uma das 32 pessoas (dados da semana passada), acolhidas nos centros criados pela autarquia para a população sem abrigo, que estão inseridas no programa de substituição opiácea de baixo limiar – a conhecida metadona.

Como a estada nos centros se prolongou devido à propagação da covid-19, era preciso criar respostas “para pessoas com situação diversa”: casais, pessoas LGBTI, com mobilidade reduzida, com animais de estimação, mas também com dependências de álcool e drogas. “Queríamos criar condições para que as pessoas não só viessem para os centros de emergência mas para que permanecessem o máximo de tempo”, diz Ricardo Fuertes, assessor do vereador dos Direitos Sociais, Manuel Grilo, e técnico na área das dependências.

Acabaram por trazer para os centros de emergência algumas respostas: um tratamento preventivo para síndrome de privação alcoólica, o programa da metadona, o programa de troca de seringas, e também a unidade móvel de consumo vigiado.

Com a pandemia, as equipas de tratamento têm mais dificuldade em dar resposta a interrupções súbitas, por exemplo de consumos de álcool. “Quem tem uma dependência alcoólica pode passar um mau bocado se diminuir de forma brusca esse consumo”, explica Fuertes. Por isso, há um tratamento preventivo que não exige abstinência, em que 15 pessoas estão a fazer terapêutica.

É a primeira vez que este conjunto de respostas está disponível junto dos centros de acolhimento, dizem os seus responsáveis. No interior, não é permitido o consumo de qualquer substância, seja tabaco, drogas ou álcool – alguns habitantes da zona já se queixam do aumento do consumo de droga em redor do pavilhão.

A estratégia tem tido bons resultados, assume o assessor. “Os centros têm conseguido manter as pessoas cá, o que é um bom sinal. As pessoas não são simplesmente expulsas ou criticadas cada vez que se sabe que têm consumos. Damos opções para que esses consumos existam, sejam feitos em melhores condições ou eventualmente para que iniciem tratamentos por metadona”, nota.

“Uma gratidão enorme”

Naraye é uma das pessoas que integraram o programa da metadona quando entrou para o centro. Foi criada uma nova paragem da unidade móvel, que é gerida pela associação Ares do Pinhal, à porta do Casal Vistoso, e a distribuição de doses em dois centros – no Clube Nacional de Nataçã o e na Casa do Lago.

O nepalês começou a consumir drogas por causa de uma ex-namorada. “Foram as raparigas que me fizeram consumir drogas. Mas eu não as culpo. A culpa é minha”, diz. Ela não



Nos quatro centros de acolhimento abertos pela autarquia estão cerca de 220 pessoas em situação de sem-abrigo

consumia, mas fê-lo ficar com um desgosto. “Antes pensava que ela era má pessoa. Mas agora acho que eu é que sou mau. Ela já não está comigo, está com outra pessoa. Por isso é que eu comecei a tomar drogas.”

O programa da metadona tinha 1200 utentes até Março – destes, apenas 20% são pessoas em situação de sem-abrigo. Nos centros, estão 32 utentes. A maioria já estava no programa, mas há seis que foram admitidos desde que ali estão, nota Elsa Belo, assistente social e directora técnica da Ares do Pinhal, responsável pelo programa de metadona em Lis-

boa. Eram pessoas como Naraye, que estavam a consumir e não estavam ligadas a nenhum programa de tratamento ou de redução de riscos e que, quando viram a carrinha parada à porta, foram pedir ajuda.

A pandemia obrigou os técnicos a mudar procedimentos. As conversas e os desabaços tiveram de ser encurtados, mas ainda assim há da parte dos utentes “uma gratidão enorme” por a carrinha da metadona não ter desaparecido das ruas. A distribuição de metadona existe nos quatro espaços – em alguns é feito na carrinha, noutros é feito no interior dos centros

através da distribuição de doses.

A pandemia veio alterar por completo as rotinas de todos. As ruas ficaram sem ninguém e isso significou que quem lá vive perdeu o pouco sustento que ali conseguia. De repente, deixou de haver pessoas a quem pedir, fazer recados, biscates ou ajudar a arrumar o carro. A comida também começou a escassear. Um momento de grandes mudanças, como este, pode também dar origem a consumos descontrolados.

Para se preparem para esse cenário, foram formadas equipas nos quatro centros para actuar em casos de



Há pessoas que não têm a capacidade, as condições, não querem ou não podem fazer uma coisa diferente. E isso tem de nos fazer reflectir

Elsa Belo
Assistente social



NUNO FERREIRA SANTOS

Abrijo. Há agora novas respostas para quem tem dependências

overdose e administrar naloxona – uma medicação que reverte os efeitos da sobredosagem com opiáceos. “Ao todo, foram formadas 23 pessoas que estarão agora preparadas para actuar caso aconteça alguma situação”, diz Adriana Curado, psicóloga do GAT – Grupo de Activistas em Tratamentos, que está na carrinha de consumo vigiado.

Este programa, que se iniciou no ano passado nas freguesias do Beato e de Arroios, e em que o consumo é supervisionado por técnicos, passa agora nos pavilhões do Casal Vistoso e do Clube Nacional de Natação

(CNN). As pessoas que consomem não são a maioria das pessoas que estão nos centros, notam os técnicos. Na carrinha, junto ao Casal Vistoso, recebem, por dia, “dez, 15 pessoas”, e junto ao CNN à “volta de cinco, seis, pessoas”, avança Adriana Curado. Algumas eram já utentes do programa. Noutros casos, recorreram pela primeira vez à carrinha.

Estas medidas, de redução de riscos ou redução de danos, são também uma oportunidade para conhecer melhor esta população e uma “entrada para respostas [de tratamento] mais estruturadas” – ainda que, por

Centros poderão estar abertos até Setembro

Os quatro centros de acolhimento criados pela Câmara de Lisboa albergam cerca de 220 pessoas — no Casal Vistoso são 98. Destas, algumas estavam já habituadas a este tipo de respostas, mas as que preocupam mais os técnicos são as que se viram de repente na rua porque não conseguiram voltar ao país de origem ou ficaram desamparadas, sem o trabalho precário que tinham, nem dinheiro para pagar a renda, tornando-se sem-abrigo pela primeira vez na vida.

A diversidade de situações é “grande” e obriga a uma “operação muito complexa”, com necessidade de ser alargada. Para o final da semana, início da próxima, está planeada a abertura de mais um centro de acolhimento temporário na Pousada de Juventude do Parque das Nações. Terá capacidade para 50, 60 pessoas — homens e casais —, avança o vereador Manuel Grilo.

Até ao momento, não há nenhum caso de infecção pelo novo coronavírus na população sem-abrigo. E a autarquia diz estar preparada para manter esta resposta até Setembro — pelo menos no Pavilhão do Casal Vistoso —, se houver necessidade, assume Manuel Grilo.

Como o espaço é municipal, poderá manter-se assim. Já os

outros pavilhões terão de ser “devolvidos” quando os clubes reiniciarem as suas actividades. “Espero que até lá tenhamos as soluções encontradas para todos e cada um deles”, sublinha. Por agora, a autarquia está também a estudar como vai impedir que quem está nos centros regresse novamente às ruas. Para tal, serão mobilizadas respostas no âmbito do Housing First, de casas partilhadas e de unidades de acolhimento que estão a ser criadas, diz o vereador. Será suficiente?

Manuel Grilo atira com números e nota que já saíram dos centros 26 pessoas “para respostas mais definitivas”: duas mulheres da Casa do Lago foram para casas do Housing First. Outros foram encaminhados, através da Santa Casa da Misericórdia, para pensões e quartos. “Já começou o acolhimento mais definitivo das pessoas. Neste momento estão a chegar às associações que trabalham com o Housing First mais cem vagas. E serão seguramente mais de cem pessoas que terão direito em primeiro lugar a uma casa”, diz.

Face às sequelas que a crise provocada pela pandemia poderá deixar, atirando para a rua mais pessoas, Manuel Grilo não consegue dizer, para já, se se verifica um aumento do número de pessoas sem tecto nas artérias da capital.

esta altura, estejam bastante limitados devido à covid-19. “É o início de um contacto com uma equipa”, sublinha Ricardo Fuertes.

“Portugal é o meu país”

Naraye diz que tem a sua vida confinada àquele centro por agora, mas está esperançoso quanto ao futuro. Acorda todos os dias pelas 9h30 — “eles acordam-nos”, corrige —, depois toma o pequeno-almoço. À entrada do pavilhão, onde foi criada a zona de rastreio, onde é medida a temperatura sempre que entram no espaço, foi também montada uma zona de con-

vívio, com televisão e cadeiras para a assistência — um pedido dos utentes que queriam muito ver televisão.

“Vejo televisão, tomo os meus medicamentos, meço a minha temperatura, e depois vou para a cama. Pelas 11 da noite vou-me deitar”, conta o nepalês. Vai passando os dias no centro, sai pouco. “Há dez dias que não saio. Se eu for lá para fora, a minha cabeça começa a pensar noutras coisas. Vou tentar arranjar dinheiro para tomar drogas. Eu não preciso dessa vida, tenho de fazer as coisas de maneira diferente agora. Por isso não vou lá para fora.”

No acesso às bancadas do pavilhão, da qual se tem vista para as frágeis camas, mesas e cadeiras dispostas num outrora campo de jogos, uma escadaria vai ficando despida à medida que os sapatos usados que ali estão vão calçando pés descalços. Ao final da tarde, faz-se também fila para escolher a roupa do dia, para depois ir tomar banho.

Elsa Belo reconhece muitos dos rostos que ali estão. “E eles também me conhecem a mim”, ri-se. A assistente social trabalha há 22 anos na associação Ares do Pinhal. Começou, “ainda uma criança”, no antigo bairro do Casal Ventoso. E ainda há rostos que reconhece de lá. “Há pessoas que não têm a capacidade, não têm as condições, muitas vezes não querem ou não podem fazer uma coisa diferente. E isso tem de nos fazer reflectir. Que mal-estar é este que não lhes permite dar um salto?”

Mas há muitos mais rostos que não conhece, de novas pessoas que caem nesta situação. “Há muitos casos que não são sem-abrigo. As pessoas estão sem abrigo.” São casos como os de quem pagava a renda de um quarto na casa de um idoso e acabou posto fora por medo, ou de quem perdeu o emprego e ficou, de repente, sem meios de subsistência e “foi parar à pala do Pavilhão de Portugal”. “Quando as carrinhas das equipas de rua passaram por estes recantos da cidade, foram apanhar muitas pessoas que ficaram de um dia para o outro sem chão”, diz a assistente social. Por agora, eles estão “numa enorme expectativa”, entre o receio de que os centros possam fechar e a esperança de que o contacto com as equipas lhes traga novas oportunidades. “E nós tudo faremos para conseguir dar algumas respostas”, assume Elsa Belo.

Naraye também procura a sua sorte. É por isso que pediu que a sua cara não fosse mostrada. Receia a exposição e o preconceito, porque se antes não tinha um objectivo, agora tem e bem traçado. “Tenho de encontrar um emprego para ter dinheiro e endireitar a minha vida.” Tem experiência em restaurantes e gosta de cozinhar. Por agora, por aqui pretende continuar. “Portugal é o meu país agora. Deu-me uma vida nova. Não tenho palavras para descrever em inglês. Eu nasci no Nepal, mas o país da minha vida é Portugal.”

cristiana.moreira@publico.pt